

A Romaria dos Conguistas no Espírito Santo: diversidade cultural, religiosa e identitária na Festa da Penha¹

The Conguistas Pilgrimage in Espírito Santo: diversity of culture, religious, and identity at the Feast of Penha

La romería de los Conguistas en Espírito Santo: diversidad cultural, religiosa e identitaria en la Fiesta de la Penha

Jhonatan da Silva Corrêa – jhonalfe@gmail.com
Doutorando Universidade Federal do Espírito Santo
Orcid : <https://orcid.org/0000-0001-5340-7283>

Resumo

A Festa de Nossa Senhora da Penha, declarada Patrimônio Cultural Nacional em 2026, constitui-se um dos principais polos peregrinos do Espírito Santo, atraindo anualmente milhões de devotos e turistas religiosos. O presente artigo tem como objetivo compreender a centralidade dessa festividade como núcleo dinamizador do cenário peregrino capixaba, analisando a diversidade de expressões religiosas e culturais presentes em suas romarias, com ênfase na Romaria dos Conguistas. A pesquisa fundamenta-se em abordagem qualitativa, apoiada em revisão bibliográfica, análise documental e observação de campo presencial e virtual. Os resultados indicam que a Romaria dos Conguistas expressa, de maneira exemplar, a contraposição e a acomodação entre o institucional e as práticas do catolicismo popular, promovendo uma singularidade cultural e religiosa. A presença das bandas de congo, a devoção a São Benedito e o ritual do mastro mostram a diversidade de protagonistas, motivações e expressões simbólicas que compõem o cenário romeiro da Festa da Penha.

Palavras-chave: Festa da Penha; Romaria dos Conguistas; Catolicismo Popular; Diversidade Religiosa; Patrimônio Cultural.

Abstract

The Feast of Our Lady of Penha, designated a National Cultural Heritage Site in 2026, is one of the main pilgrimage centers in Espírito Santo, attracting millions of devotees and religious tourists each year. This article aims to understand the centrality of this festival as a driving force behind Espírito Santo's pilgrimage scene, analyzing the diversity of religious and cultural expressions present in its pilgrimages, with an emphasis on the Pilgrimage of the Conguistas. The research is based on a qualitative approach, supported by a literature review, documentary analysis, and in-person and virtual field observations. The results indicate that the Romaria dos Conguistas exemplifies the tension and accommodation between institutional Catholicism and the practices of popular Catholicism, fostering a unique cultural and religious identity. The presence of congo bands, devotion to Saint Benedict, and the mast ritual demonstrate the diversity of participants, motivations, and symbolic expressions that make up the pilgrimage scene of the Festa da Penha.

Key words: Feast of Penha; Pilgrimage of the Conguistas; Popular Catholicism; Religious Diversity; Cultural Heritage.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), Brasil. EDITAL FAPES Nº 14/2023 (PROCAP 2024 -Doutorado).



Resumen

La Fiesta de Nuestra Señora de la Penha, declarada Patrimonio Cultural Nacional en 2026, constituye uno de los principales centros de peregrinación del Estado de Espírito Santo, y atrae cada año a millones de devotos y turistas religiosos. El presente artículo tiene como objetivo comprender la importancia central de esta festividad como motor del panorama de peregrinaciones en Espírito Santo, analizando la diversidad de expresiones religiosas y culturales presentes en sus romerías, con énfasis en la Romería de los Conguistas. La investigación se basa en un enfoque cualitativo, respaldado por una revisión bibliográfica, un análisis documental y observaciones de campo presenciales y virtuales. Los resultados indican que la Romería de los Conguistas expresa, de manera ejemplar, la contraposición y la acomodación entre lo institucional y las prácticas del catolicismo popular, promoviendo una singularidad cultural y religiosa. La presencia de las bandas de congo, la devoción a San Benito y el ritual del mástil muestran la diversidad de protagonistas, motivaciones y expresiones simbólicas que conforman el escenario de peregrinación de la Fiesta de la Penha.

Palavras-chave: Fiesta de la Penha; Romería de los Conguistas; Catolicismo popular; Diversidad religiosa; Patrimonio cultural.

Recebido em: 15/06/2026
Aceito para publicação: 22/06/2026
Publicado: 16/08/2026

Introdução

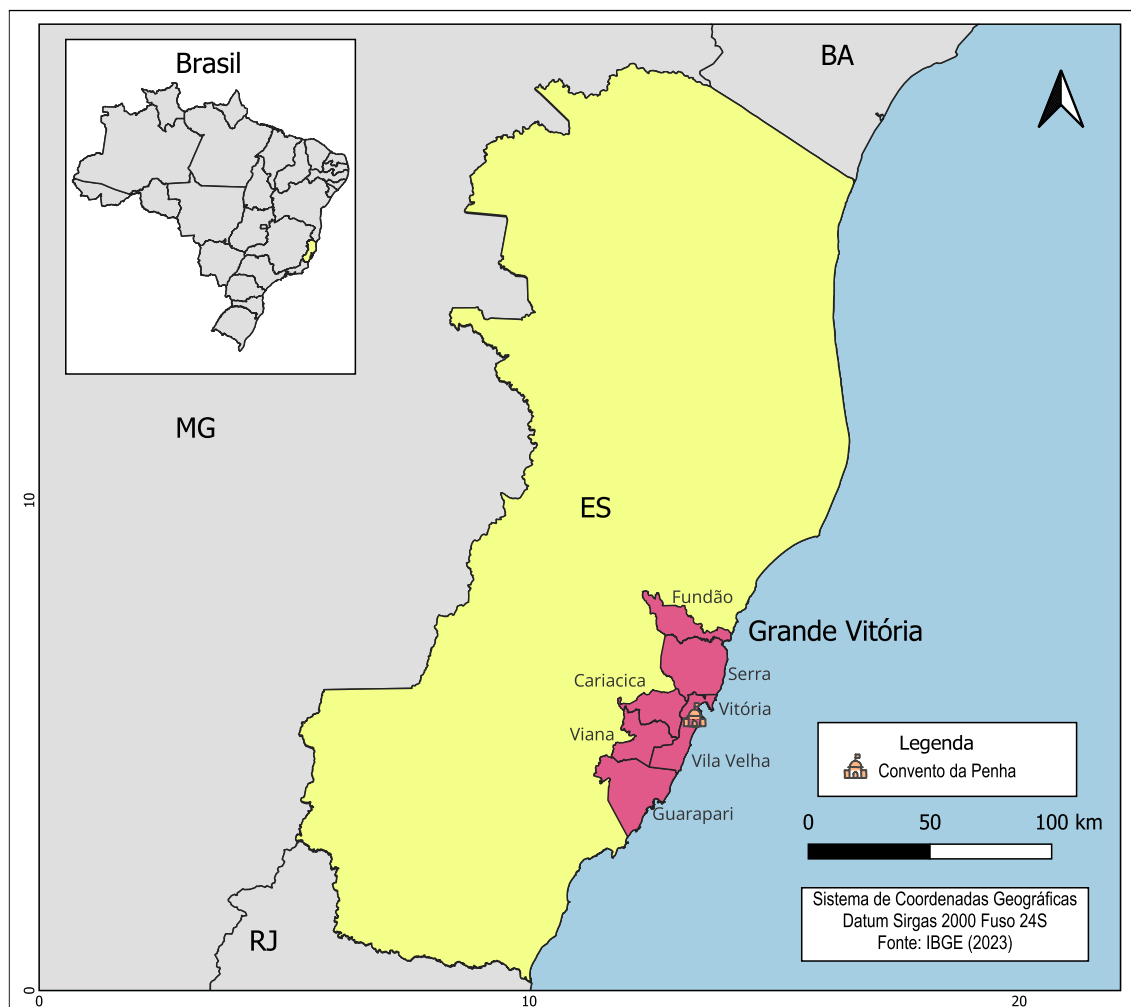
A Festa de Nossa Senhora da Penha ocorre no Santuário de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha-ES, há mais de 450 anos. Consolidou-se como o principal evento religioso católico do Espírito Santo, reunindo anualmente milhões de devotos e turistas religiosos em romarias cujas origens devocionais remontam ao século XVI (RÖWER, 1965; GOMES, 2012; FESTA DA PENHA, 2025).

O conjunto franciscano do Convento da Penha foi tombado como patrimônio histórico e artístico pelo Iphan na primeira metade do século XX, mais precisamente em 1943. Sua origem está diretamente vinculada à chegada do franciscano espanhol Frei Pedro Palácios, em 1558, à então capitania do Espírito Santo, trazendo consigo um quadro de Nossa Senhora das Alegrias (OLIVEIRA, 2008; RIBEIRO, 2012; GOMES, 2012; ALCURI, 2022; TORRES, ARCIPRESTE, AGUIAR, 2023).

Paulatinamente, o convento foi se edificando no alto de um penhasco. A construção de uma forma simbólica espacial religiosa sobre uma rocha permitiu a origem do simbolismo de Nossa Senhora da Penha, denominação recorrente globalmente para edificações sacras situadas em formações rochosas (WILLEKE, 1974). Dessa maneira, Nossa Senhora das Alegrias ou dos Prazeres passou a ser denominada Nossa Senhora da Penha, tornando-se um grande símbolo no estado do Espírito Santo.

Mais do que uma reatualização anual, a Festa da Penha opera como um polo organizador de um vasto cenário de peregrinações, tanto institucionais quanto populares. Nesse contexto, entrelaçam-se práticas tradicionais e configurações modernas e hipermodernas, como a Romaria dos Homens, a Moto Romaria, a Romaria dos Conguistas e os itinerários da imagem peregrina de Nossa Senhora da Penha, entre outras manifestações.

Esse dinamismo transformador posiciona a Região Metropolitana da Grande Vitória (Figura 1) como um laboratório privilegiado para a análise das formas simbólicas espaciais religiosas, dos itinerários simbólicos que compõem essas espacialidades e temporalidades e das relações existentes nesse contexto que, muitas vezes, perpassa a questão religiosa, adentrando em aspectos econômicos, culturais, sociais e políticos.

Figura 1 - Localização da Grande Vitória no Espírito Santo

Fonte: Elaborado pelo autor, fevereiro de 2026.

Tais formas e itinerários não apenas evidenciam mudanças nas práticas devocionais, mas se articulam ativamente com dinâmicas mais amplas de interseções. Diante disso, este artigo tem como objetivo compreender a centralidade da Festa da Penha, declarada como Patrimônio Cultural Nacional em 2026, como núcleo dinamizador do cenário peregrino capixaba, atentando para a diversidade existente em suas peregrinações, sendo a Romaria dos Conguistas, neste estudo, uma base para as reflexões. Busca-se, portanto, analisar o amplo conjunto de manifestações que abrange essa romaria, entendendo-a como expressão que, simultaneamente, espelha e catalisa a contínua reinvenção do fenômeno peregrino.



Dessa maneira, investiga-se como a pluralidade de romarias da Festa da Penha pode configurar a Grande Vitória como núcleo simbólico e territorial das peregrinações capixabas, revelando transformações nas práticas devocionais e suas implicações para a identidade religiosa e cultural do Espírito Santo, com destaque para a Romaria dos Conguistas e suas manifestações simbólicas e religiosas.

Para tanto, é realizada uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica sobre a temática, análise documental e observação de campo (presencial e virtual). A investigação dialoga com os campos da Geografia Cultural (pós-anos 70) e da Geografia da Religião, trabalhando com categorias como peregrinação, lugar sagrado, paisagem e território, conforme detalhado na próxima seção.

Festa, cultura e simbolismo religioso: uma disputa?

As festividades envolvem dimensões sociais, emocionais e simbólicas. Para sua compreensão analítica, podemos recorrer à relação entre dois meios interpretativos: a inversão social e a catarse. A primeira instaura uma quebra que atinge tanto a ordem temporal quanto a espacial; a segunda se apoia na capacidade de o indivíduo sentir-se parte integrante do evento festivo, envolvendo-se emocionalmente e produzindo experiências de fuga e de partilha coletiva no tempo e no espaço (CLAVAL, 2014).

Destaca-se também que a ação humana, mediada por representações simbólicas, transforma o ambiente. É por meio dos símbolos de natureza religiosa que se constitui uma paisagem específica, onde se materializam ritos, procissões, peregrinações, romarias ou sequências ritualizadas e preces.

O sagrado em sua dimensão espacial representa várias questões interessantes relacionadas às formas e funções. A ideia de que existem espaços sagrados, quer designados em locais consagrados fixos e quer apreendidos em sua categoria móvel vem atraindo a atenção dos geógrafos (ROSENDAHL, 2018, p. 82).

Duncan; Duncan (1988), juntamente com Cosgrove (1984), oferecem uma contribuição crítica ao argumentar que a paisagem não constitui um dado



natural, mas sim uma construção cultural que funciona como um texto, inscrito na narrativa e na naturalização de histórias. Nesse sentido, símbolos, monumentos e itinerários simbólicos não são elementos neutros; eles atuam como dispositivos que conferem legitimidade a determinadas visões de mundo, podendo também ser contestados e subvertidos por outras interpretações. Essa visão crítica possibilita a desnaturalização do que é apresentado como evidente, algo já pronto.

Segundo Mondada; Söderström (2003), essa linha de pensamento tende a privilegiar uma concepção de paisagem estática, considerada como um texto a ser interpretado em sua materialidade fixa. São Maddrell; della Dora (2013), juntamente com della Dora (2016), quem promovem um acréscimo fundamental ao transferir a crítica da paisagem-texto para o âmbito da mobilidade sagrada, demonstrando que há interações dinâmicas nesse movimento. Nessa perspectiva, as peregrinações não se limitam à travessia de roteiros preexistentes. Elas representam uma atualização crítica das narrativas inscritas na paisagem, transformando estradas e centros urbanos em lugares sagrados ou interseccionados com o profano por meio de suas manifestações materiais e imateriais.

Assim, se Duncan; Duncan (1988) e Cosgrove (1984) deram suas contribuições ao desnaturalizar a paisagem, Mondada; Söderström (2003), Maddrell; della Dora (2013) e della Dora (2016) demonstram que essa desnaturalização também acontece no movimento e por meio dele nas interações, permitindo ao peregrino tanto reproduzir quanto contestar as narrativas existentes.

Afinal, nem toda peregrinação é uma romaria, como destacam Corrêa; Robaina (2025). As peregrinações cruzam fronteiras religiosas e se manifestam em diversas formas de deslocamentos devocionais (IJAZ, 2021). Já as romarias são específicas do âmbito católico e possuem características históricas e rituais que as diferenciam, uma dessas particularidades está na própria origem da denominação. Deffontaines (1948) e Rosendahl (2012) explicam que “romaria” vem de Roma, destino tradicional dos católicos desde o século V. Na Idade Média, segundo Vidale (2023), três cidades eram centros das peregrinações cristãs:



Jerusalém (de onde vem o título de palmeiros), Compostela (que deu origem ao termo peregrinos) e Roma (que originou os romeiros).

Desse modo, tanto a peregrinação quanto a romaria buscam como destino final um lugar sagrado. Mas o que caracteriza, afinal, um lugar sagrado? Trata-se de um espaço específico ao qual se atribui uma associação sacra, geralmente onde ocorreu uma revelação divina. Esses lugares sagrados costumam possuir forte atração turística, relacionada também a questões espirituais, históricas e culturais (JOSAN, 2009).

No entanto, compreender o lugar sagrado apenas por sua atração ou por sua sacralidade seria insuficiente. É necessário avançar para a noção de território. Nesse contexto, o território funciona como um espaço de relação de poder, cuja preservação requer esforços constantes, manifestando-se por meio de políticas de acesso que regulam recursos e exercem controle (SACK, 1986; RAFFESTIN, 1993). Em particular, Sack (1986) mostra a atuação histórica da Igreja na dominação de diversos territórios, com os espaços sagrados representando exemplos marcantes desse fenômeno. As territorialidades originadas dessas estruturas são, assim, fundamentais para nossa análise, pois ilustram a maneira como o poder se concretiza no espaço e como o sagrado se territorializa, seja ele canônico ou não (SACK, 1986; RAFFESTIN, 1993). Dessa questão também surge a discussão sobre os aspectos materiais e imateriais dessas manifestações.

Nesse sentido, um marco fundamental para a proteção tanto de bens materiais quanto de manifestações simbólicas no Brasil foi a Constituição de 1988. Ela contribuiu para a aproximação entre os aspectos culturais e a patrimonialização, incorporando as dimensões simbólicas e as visões de mundo, e trazendo uma ideia de patrimônio que vai além do material, garantindo um olhar para a identidade de um povo (VIANNA, 2006; CORÁ, 2014). Esse arcabouço legal hodiernamente permite que políticas públicas salvaguardem manifestações populares, como as Bandas de Congo e a Festa da Penha, simultaneamente aos bens materiais que carregam a história de um lugar, a exemplo do conjunto do Convento da Penha.

A pertinência dessa abordagem integrada encontra respaldo na reflexão de Meneses (2009, p. 31), para quem “[...] todo patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e valor, por sua vez todo patrimônio imaterial



tem uma dimensão material que lhe permite realizar-se. As dimensões não são ontológicas, de natureza, mas basicamente operacionais.”

Metodologia

Para a realização da pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica e documental sobre a Festa da Penha e sua importância simbólica para o Espírito Santo. Essa etapa também abrangeu a discussão das categorias centrais do estudo, como festa, lugar sagrado, território, peregrinação, romaria, texto, itinerários simbólicos e formas simbólicas espaciais religiosas.

Posteriormente, os trabalhos de campo presenciais e virtuais foram essenciais para analisar a diversidade peregrina e a dinâmica do lugar sagrado, tanto durante o espaço e tempo festivo quanto fora dele. Como ressalta Rosendahl (2012), o trabalho de campo é fundamental para compreender a complexidade e coletar dados empíricos sobre manifestações religiosas. Hodiernamente, é igualmente importante considerar o ciberespaço e as estratégias nele presentes, tanto para a ocorrência quanto para a divulgação das manifestações, incluindo a análise de aplicativos, redes sociais e plataformas de lives e vídeos (DIGANCE, 2006; SBARDELOTTO, 2018; PANCHENKO et al., 2025; OLIVEIRA; CORRÊA, 2026).

Além disso, a análise dos discursos institucionais e populares contribui para a compreensão dos jogos de poder inerentes a essas manifestações, bem como dos fluxos e redes que as constituem, os quais transcendem o âmbito estritamente religioso e adentram outras dinâmicas espaciais e temporais. Por essa razão, os trabalhos de campo são de grande relevância durante o espaço e tempo da reatualização festiva, quando os fluxos de peregrinações e romarias se intensificam e, conseqüentemente, acentuam a disparidade e as disputas territoriais, espaciais e temporais (KONG, 1990; SOŁJAN; BILSKA-WODECKA, 2005).

Logo, para a composição da pesquisa, ocorreram trabalhos de campo em diferentes peregrinações na Festa da Penha. Contudo, o direcionamento presente neste artigo trata-se de um fragmento de uma pesquisa maior. Dessa maneira, na Romaria dos Conguistas, onde se apresentam as bandas de congo e folias de reis por meio de manifestações culturais e religiosas, dinamiza-se o modo como

entendemos a peregrinação e a luta pelo território e seus simbolismos, onde os santos das congadas, como São Benedito, ao som dos tambores, atabaques e casacas, sobem o convento, trazendo novas simbologias para a manifestação.

Diante da metodologia apresentada, passa-se à discussão dos resultados na seção seguinte.

Entre o convento, o mastro, a reza e o congo: materialidades e imaterialidades em negociação

A articulação entre o convento, o mastro, a reza e o congo sintetiza o campo empírico sobre o qual se debruça esta análise. Conforme demonstrado na fundamentação teórica, as dimensões material e imaterial do patrimônio não se separam ontologicamente, mas se constituem mutuamente (MENESES, 2009). É precisamente essa indissociabilidade que emerge dos trabalhos de campo realizados na Festa da Penha e, em particular, na Romaria dos Conguistas. É justamente essa fluidez que a torna um caso exemplar para repensar as relações entre materialidade, imaterialidade e poder no espaço e lugar sagrado.

A Festa de Nossa Senhora da Penha, iniciada por Frei Pedro Palácios em 1570 com o intuito de cultuar a santidade mariana, rapidamente se popularizou, estabelecendo um fluxo contínuo de romeiros durante seu ciclo de reatualização cósmica. Registros históricos indicam a existência de casas para hospedagem de peregrinos desde o século XVII. Na contemporaneidade, a festividade consolida-se como a terceira maior festa mariana do país, superada apenas pelo Círio de Nazaré, em Belém do Pará, e pela Festa de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida, São Paulo (RÖWER, 1965; FESTA DA PENHA, 2025).

Devido à sua magnitude, recebe fiéis de diversas localidades do país. As peregrinações oficiais da festividade partem de diferentes espaços, sejam eles sagrados ou não, totalizando mais de uma dezena de romarias oficiais durante os nove dias de celebração. Essas mobilidades religiosas se materializam por meio de diversos meios de transporte, desde os tradicionais itinerários simbólicos a pé até deslocamentos em bicicleta, caiaque, tração animal e veículos automotores, que compõem o mosaico ritualístico da festividade (Quadro 1).

Quadro 1 - Romarias presentes na Festa da Penha nos anos de 2024 e 2025.

Festa da Penha, peregrinações e romarias oficiais 2024 e 2025	
2024	2025
Romaria dos Militares	Romaria dos Militares
Romarias das Pessoas com Deficiência	Romarias das Pessoas com Deficiência
Romaria dos Adolescentes	Romaria dos Adolescentes
Romaria dos Homens	Romaria dos Homens
Romaria das Mulheres	Romaria das Mulheres
Romaria dos Conguistas	Romaria dos Conguistas
Remaria	Remaria
Romaria dos Ciclistas	Romaria dos Ciclistas
Romarias Diocesanas	Romarias Diocesanas
Imagem Peregrina	Romaria dos Cavaleiros
	Moto Romaria
	Imagem Peregrina

Fonte: Elaborado pelo autor, trabalhos de campo abril de 2024 e 2025.

As peregrinações oficiais incluídas na programação festiva podem variar de um ano para o outro, com a adição ou remoção de eventos no calendário oficial. Em 2025, por exemplo, houve a inclusão da Romaria dos Cavaleiros e da Moto Romaria na lista oficial, romarias que não ocorreram em 2024, embora já tivessem sido realizadas em outros anos.

Além disso, é comum notar roteiros secundários ou terciários, organizados por paróquias ou por membros não eclesiais, que partem de lugares diferentes dos percursos oficiais e posteriormente convergem para o itinerário principal ou para a forma simbólico-espacial religiosa central, além de variações de itinerários em relação ao percurso de um ano para outro. No primeiro caso, o fenômeno é conhecido por Stoddard (1997) e Santos (2019) como peregrinações convergentes e, aqui, acrescentamos que podem ser percebidas como itinerários simbólicos secundários e terciários.

Dentro dessas manifestações, conforme mostra o quadro 1, a Romaria dos Conguistas nos apresenta uma diversidade na maneira de cultuar o sagrado, apresentando-nos o catolicismo popular brasileiro, onde há uma mescla de religiosidades que vão desde a influência indígena, africana, afro-brasileira e europeia (LEERS, 1977; AZEVEDO, 2002; CORRÊA, 2019).

Além disso, é possível afirmar que, na América Latina, o culto mariano, embora tenha sido inicialmente trazido por influências externas, conquistou



enorme popularidade. Assim sendo, ele se encontra em um tensionamento entre tradição e contradição, revelando dicotomias tanto no âmbito teológico quanto na devoção popular. Tal dinâmica resultou em percursos diferenciados ao longo de certos períodos históricos, em função das distintas visões dos colonizadores e dos colonizados (SOUZA, 2017).

Dessa maneira, as manifestações marianas representam lugares de peregrinação e, simbolicamente, exercem uma atração significativa devido à sua representação de proteção maternal e piedosa, frequentemente reinterpretada e estimulada (SOUZA, 2017; CORRÊA; ROBAINA, 2025). Além disso, acrescentamos que a devoção a São Benedito possui raízes antigas no estado, remontando ao século XVI (ELTON, 1988).

A dinâmica observada na Romaria dos Conguistas, durante a Festa da Penha, demonstra o atrito e a posterior acomodação entre a liturgia institucional e as práticas do catolicismo popular. Ao ocuparem o espaço sagrado do Convento com tambores e casacas, as bandas de congo promovem o sincretismo religioso.

Ademais, o congo capixaba é reconhecido oficialmente como o primeiro patrimônio cultural imaterial do Espírito Santo (ESPÍRITO SANTO, 2014). Enquanto o Convento da Penha se consolidou como patrimônio histórico e artístico material, as manifestações das bandas de congo atuam na salvaguarda da dimensão imaterial dessa festividade, unindo a rigidez do monumento à fluidez da identidade cultural do catolicismo popular capixaba, como veremos na próxima seção.

Diferentes faces do sagrado: diversidade cultural, religiosa e identitária na romaria dos conguistas

A diversidade de maneiras de cultuar constitui o principal estímulo para a Romaria dos Conguistas, reunindo Congadas e Folias de Reis provenientes de diferentes regiões do estado, que protagonizam a festividade com seus cantos e danças, levando a cultura e a religiosidade popular para o âmbito da Festa da Penha, uma das maiores manifestações marianas do país.

A Romaria dos Conguistas, iniciada em 2017, tem como um de seus momentos mais simbólicos a subida dos santos das Bandas de Congo ao Convento

da Penha, conferindo à festa um brilho de pluralidade cultural e religiosa que redefine, naquele instante, os símbolos sagrados do santuário (Figura 2).

Figura 2 - Standarts das bandas de Congo e Nossa Senhora da Penha



A) Standarts das bandas de Congo e Nossa Senhora da Penha.
B) Bandas de Congo se apresentando no Convento da Penha.

Fonte: trabalho de campo, abril de 2025 e 2026.

Nota-se particularmente a presença de São Benedito como um dos principais santos levados ao convento. Ademais, ele divide simbolicamente a representação na bandeira do mastro da romaria com Nossa Senhora da Penha (Figura 3). Isso demonstra, simbolicamente, o ato de devoção das bandas de congo juntamente com a representatividade de seu santo.

O valor simbólico atribuído a São Benedito pelas bandas de congo ultrapassa o âmbito estritamente religioso. Ele evoca a história das Irmandades dos Homens Pretos, a resistência dos escravizados e a persistência de cosmovisões afro-brasileiras mesmo sob a “hegemonia” do catolicismo oficial.

Portanto, carregar sua imagem e dividir a bandeira da romaria com a dona da casa (Nossa Senhora da Penha) é também um ato de reivindicação simbólica, de pertencimento e de memória.

Figura 3 - Bandeira do Mastro da Romaria dos Conguistas.



A) Bandeira: lado com São Benedito e a Banda de Congo com o Convento ao fundo

B) Bandeira: lado com Nossa Senhora da Penha

Fonte: Trabalho de Campo, abril de 2025 e 2026

Conforme nos mostram Cascudo (2001) e Corrêa (2022), a bandeira no topo do mastro sinaliza a presença do santo na festa, podendo trazer oferendas, como as fitas no caso estudado (Figura 4). Essas fitas são preparadas pelos conguistas que colocam milhares delas no mastro. Posteriormente, são distribuídas na romaria, onde os participantes podem fazer seus pedidos ao pegá-las.

Para além da presença dos santos, o ritual de fincada do mastro no Espírito Santo, conforme explicado por conguistas, possui também um significado de agradecimento a São Benedito. De acordo com eles, houve o naufrágio de um navio denominado Palermo², na costa do Espírito Santo³, que transportava pessoas escravizadas. Ao se agarrarem ao mastro para tentar escapar do afogamento, pediram proteção ao santo. Ao chegarem a salvo no continente, ainda agarrados ao mastro, instituiu-se o ritual como forma de agradecimento

² O nome também faz alusão à cidade onde São Benedito residiu durante seus anos finais de vida (ESPÍRITO SANTO, 2024).

³ Na região da Grande Vitória, mais precisamente na Vila de Nova Almeida, onde hoje se encontra o município da Serra-ES (QUINTINO, 2018).

pelo milagre ocorrido (QUINTINO, 2018; ESPÍRITO SANTO, 2024). Trata-se de uma singularidade presente na representação simbólica do mastro no estado.

Figura 4 - Mastro e bandeira da Romaria dos Conguistas



Fonte: Trabalho de campo, abril de 2025 e junho de 2026.

Além disso, a descida do mastro (Figura 4b) é realizada na quinta-feira de Corpus Christi, mantendo uma relação também com a Peregrinação de “Os Passos de Anchieta”, onde o ritual compõe, no primeiro dia, o itinerário dos peregrinos que terminará no sul do estado (Anchieta-ES), no Santuário Nacional de Anchieta, e, por conseguinte, na Festa de São José de Anchieta. Isso nos mostra um pouco dos aspectos topológicos e relacionais das peregrinações no estado.

A devoção a São Benedito é antiga no Espírito Santo; por volta de 1595, já se tinham manifestações de seu culto, realizadas principalmente por escravizados nas Irmandades dos Homens Pretos, que viam no santo uma representatividade (ELTON, 1988). Isso nos mostra o quanto a categoria divindade pode contribuir tanto para a questão geográfica quanto para a social e a histórica, como já alertavam Deffontaines (1948) e Corrêa; Robaina (2025).

Esta composição sintetiza o diálogo sincrético que caracteriza a manifestação, em que o sagrado se entrelaça com as tradições afro-brasileiras, criando uma espacialidade religiosa inclusiva e dinâmica, onde a diversidade ganha representatividade.

Durante o trabalho de campo realizado na Romaria dos Conguistas, registraram-se discursos no Convento da Penha que sintetizam os principais eixos simbólicos da manifestação. Um membro eclesiástico enfatizou a diversidade cultural e religiosa como marca identitária do povo capixaba, trazendo a presença das culturas afro-brasileiras e indígena, a gratidão aos antepassados e a continuidade das gerações.

A fala também destacou a presença de jovens e crianças como sinal de renovação da tradição e associou os ritmos dos tambores, atabaques e casacas à contemplação da “mãe”, uma referência a Nossa Senhora da Penha, e às formas de expressão cultural e religiosa presentes na manifestação. Em determinado momento, o orador mencionou que a canção “A escolhida” foi tocada no ritmo dos tambores, reforçando a ideia de que a devoção mariana pode ser expressa em diferentes linguagens, como a música, a dança, o canto e a percussão, constituintes da experiência festiva da Romaria dos Conguistas.

Desta maneira, a manifestação representa um caso exemplar de como as peregrinações podem servir para negociações simbólicas e reconstruções



identitárias no espaço sagrado, confrontando aspectos coloniais e pós-coloniais. Ademais, configura-se como manifestação do catolicismo popular brasileiro, cujas expressões foram historicamente marginalizadas pela Igreja oficial. Embora enfatizada em alguns discursos como uma expressão cultural, a congada, em sua maneira de se expressar e em seus ritos, também é uma prática religiosa (CORRÊA, 2022).

Essa dimensão de resistência e pertencimento ganha contornos ainda mais profundos quando se considera a história do próprio espaço que abriga a festividade: o Convento da Penha foi erguido com trabalho escravizado (RÖWER, 1965; ZAGOTO, 2025). Ao ocuparem a forma simbólica espacial religiosa com seus instrumentos e devoção, as bandas de congo e folias de reis não apenas atualizam a presença afro-brasileira e indígena no espaço sagrado, mas também ressignificam, ainda que “silenciosamente”, o passado de exploração, transformando o lugar de dominação colonial em território de expressão cultural e religiosa.

Considerações Finais

A análise desenvolvida possibilitou a compreensão da importância da Festa de Nossa Senhora da Penha como elemento motivador do cenário peregrino no Espírito Santo. Mais do que um evento religioso de grande escala, sendo a terceira maior festividade mariana do país, a Festa da Penha funciona como um espaço de reunião de diferentes romarias e manifestações devocionais, evidenciando uma pluralidade de expressões religiosas em um mesmo tempo e espaço.

A Romaria dos Conguistas se destacou como um exemplo representativo para a compreensão dessa diversidade. Ao ocuparem o espaço sagrado do Convento com tambores, casacas e seus santos de devoção, as bandas de congo promovem um fenômeno de sincretismo religioso de matriz afro-brasileira, reconfigurando a liturgia institucional enquanto encontram maneiras de se “adaptar” a ela. A devoção a São Benedito, cuja origem remonta às Irmandades dos Homens Pretos do século XVI, confere à manifestação uma dimensão de resistência identitária e preservação da memória ancestral, ressignificando narrativas historicamente marginalizadas.



A patrimonialização da Festa da Penha em 2026 constituiu um marco relevante, pois reconhece oficialmente tanto o conjunto arquitetônico do Convento (patrimônio material) quanto as diversas expressões culturais e religiosas ali presentes (patrimônio imaterial), incluindo o congo capixaba, considerado o primeiro patrimônio imaterial do Espírito Santo. Todavia, a análise revelou que tal reconhecimento não elimina os conflitos existentes entre a rigidez do monumento e a fluidez das práticas populares. Essas tensões, em certa medida, contribuem para a própria vitalidade e dinamismo da festividade.

Logo, o estudo contribui para a Geografia da Religião, Geografia da Peregrinação e Geografia Cultural ao demonstrar que as peregrinações populares, como a Romaria dos Conguistas, não são meras expressões devocionais, mas práticas espaciais que ressignificam e reinventam o patrimônio material e imaterial. A análise mostra a necessidade de uma abordagem integrada que considere as dimensões históricas, políticas e simbólicas do fenômeno peregrino, superando visões que o reduzem a manifestações a contextos isolados.

Por fim, este estudo não esgota toda a complexidade do fenômeno analisado, mas oferece uma contribuição para o entendimento das dinâmicas peregrinas no Espírito Santo. Destaca-se a necessidade de considerar tanto as materialidades quanto as imaterialidades que constituem o sagrado. Futuras contribuições poderão aprofundar e ampliar essa análise em relação às demais romarias vinculadas à Festa da Penha e às transformações contemporâneas que moldam esse fenômeno no contexto capixaba.

Referências

- ALCURI, L. C. V. Stella Coelli extirpavit: percepção, trânsito, sacrificial e devoção na ladeira da penitência do convento de Nossa Senhora da Penha na província do Espírito Santo (séc. XIX). **Dimensões** – Revista de História da Ufes. Vitória, n. 49, p. 167-183, 2022.
- AZEVEDO, T. **O Catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social**. Salvador. Edufba, 2002
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Ediouro. 10 ed - Rio de Janeiro, 2001.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola, Margareth de Castro Afeche Pimenta. -4. Ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014

CORÁ, M. A. J. Políticas públicas culturais no Brasil: dos patrimônios materiais aos imateriais. **Rev. Adm. Pública** – Rio de Janeiro 48 (5):10 93-1112, set/out. 2014.

CORRÊA, J. da S. Religião e Poder: a romanização no Sul/Sudoeste de Minas Gerais. **Geographia Opportuno Tempore**. Universidade Estadual de Londrina EISSN: 2358-1972 Volume 5, Número 2, 2019

CORRÊA, J. da S. **Por uma geografia das r-existências: as manifestações culturais da Festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário no Sul de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2022.

CORRÊA, J. da S; ROBAINA, I. M. M. Conhecimento, (In)Visibilidade e Hierarquias da Fé: uma análise das dissertações e teses sobre peregrinações na Geografia brasileira (1972– 2023). **Caderno De Geografia**, 35(81), 360.v35n81p360, 2025.

COSGROVE, Denis. **Social formation and symbolic landscape**. Londres: Croom Helm, 1984.

DEFFONTAINES, P. **Geographie et Religions**. 4º ed, Gallimard. France, 1948. 443p.

DELLA DORA, V. Infrasecular geographies: Making, unmaking and remaking sacred space. **Progress in Human Geography**, v. 41, n. 1, p. 1-28, 2016.

DIGANCE, J. Religious and secular pilgrimage: journeys redolent with Meaning. In: TIMOTHY, D. J; OLSEN, D. H. (Ed.). **Tourism, religion and spiritual journeys**. New York: Routledge, 2006.

DUNCAN, J. S; N, DUNCAN. (Re)reading the landscape. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 6, n. 2, p. 117-126, jun. 1988.

ELTON, E. São Benedito e sua devoção no Espírito Santo. Departamento Estadual de Cultura/ES. Ministério da Cultura. 1988.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria da Cultura (SECULT). **Congo: bem imaterial do Espírito Santo**. Vitória: SECULT, 14 nov. 2014. Disponível em: <https://secult.es.gov.br/congo-bem-imaterial-do-espírito-santo>. Acesso em: 15 jun. 2026.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria da Cultura (SECULT). **Tradicional Festa de São Benedito em Serra Sede começa nesta terça-feira (24)**. Vitória: SECULT, 23 dez. 2024. Disponível em: <https://secult.es.gov.br/Noticia/tradicional-festa-de-sao-benedito-em-serra-sede-comeca-nesta-terca-feira-24>. Acesso em: 16 jun. 2026.

FESTA DA PENHA. **História**. Festa da Penha, 2025a. Disponível em: <https://festadapenhaoficial.com.br/historia/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

GOMES, H. J. da S. **Convento da Penha: o sagrado delineando paisagens culturais no Espírito Santo**. Vitória-ES, 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Bases cartográficas contínuas - Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/bases-cartograficas-continuas/15759-brasil.html?edicao=38558>. Acesso em: 20 mai. 2026.

IJAZ, A. Types of Religious Tourism. In: Alaverdov, E; Bari, M. W (ed). **Global development of religious tourism**. IGI Global, Hershey PA, 2021. cap. 18, p. 297-309.

JOSAN, I. Pilgrimage – A Rudimentary Formo of Modern Turism. **GeoJournal of Tourism and Geosites**. Year II, no. 2, vol. 4, 2009, pag. 160-168

KONG, Lily. Geography and religion: Trends and prospects. **Progress in Human Geography**. 14(3), 1990.

LEERS, B. **Catolicismo Popular e Mundo Rural: um ensaio pastoral**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes Ltda. 1977.

MADDRELL, A; DELLA DORA, V. Crossing surfaces in search of the Holy: landscape and liminality in contemporary Christian pilgrimage. **Environment and Planning**, volume 45, pages 1105 – 1126. A 2013.

MENESES, U. T. B de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: IPHAN. **I Fórum Nacional de Patrimônio Cultural. Ouro Preto: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, p. 25-39, 2009.

MONDADA, L; SÖDERSTRÖM, O. Do Texto à interação: percurso através da Geografia Cultural Contemporânea. In: CORRÊA, R, L; ROSENDAHL, Z (orgs). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

OLIVEIRA, J. T de. História do estado do Espírito Santo. 3 ed. – Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretária de Estado da Cultura, 2008.

OLIVEIRA, J. R de. CORRÊA, J. da Silva. Rosário da Madrugada: difusão e ciberespiritualidade católica nos novos tempos digitais. In: BENATTI, C; ROSENDAHL, Z (orgs). **Geografia da Religião: experiências e metodologias**. – 1. Ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica Digital. 2026. Disponível em: <https://www.culturaacademica.com.br/catalogo/geografia-da-religiao-experiencias-e-metodologias/>. Acesso: 23 jan. 2026.

PANCHENKO, Svitlana *et al*. Social Institutions and Media Strategies in the Context of Religious Tourism Development. **International Journal on Culture, History, and Religion**, v. 7, n. esp. 1, p. 100-114, set. 2025. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/393975961_Social_Institutions_and_Media_Strategies_in_the_Context_of_Religious_Tourism_Development. Acesso: 5 jan. 2026.

QUININO, I. C. de A. **O Congo Capixaba como Patrimônio Imaterial: As Festas de São Benedito na Serra e as Bandas de Congo**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Programa de PósGraduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.repositoriobc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12849>. Acesso: 5 agosto de 2026.

RAFFESTIN, C. **Por Uma Geografia do Poder**. Ed. Ática S.A, 1993.

RIBEIRO, F. A. Prefácio. In: GOMES, H. J. da S. **Convento da Penha: o sagrado delineando paisagens culturais no Espírito Santo**. Vitória-ES, 2012.

ROSENDAHL, Z. **Primeiro a Devoção, depois a obrigação: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

ROSENDAHL, Z. **Uma Procissão na Geografia**. Uma Procissão na Geografia. EdUERJ, Rio de Janeiro, 2018.

RÖWER, B. **O Convento de Nossa Senhora da Penha do Espírito Santo**. Vila Velha, 2ª ed. 1965.

SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. London: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, M da. G. M. Peregrinação entre tradição e modernidade: contributos para uma classificação. **REVER** • São Paulo • v. 19 • n. 3 • set/dez 2019.

SBARDELOTTO, M. Da religião à reconexão: novos modos de ser e fazer religiosos em tempos de midiatização digital. PAULUS: **Revista de Comunicação da FAPCOM**. São Paulo, v. 2, n. 4, jul./dez. 2018.

SOLJAN, I; BILSKA-WODECKA, E. Metody Badawcze Stosowane w Geografii Pielgrzymek. **Turyzm**, 2005.

SOUZA, A. Evangelização mariana e devoção popular na América Latina: a exigência do cuidado com o culto a Maria na atualidade. **Ciberteologia - Revista de Teologia e Cultura**, Paulinas, p. 139-151, 2017.

STODDARD, R. H. Defining and Classifying Pilgrimages. In: STODDARD, R.; MORINIS, A. (Org.). **Sacred Places, Sacred Spaces – The Geography of Pilgrimage**. Departament Departament of Geography and Anthropology, Louisiana State University, 1997. cap. 3, p. 41-60.

TORRES, R. W; ARCIPRESTE, C. M; AGUIAR, T. F. R. de. (2023). Patrimônio edificado e iluminação artificial externa: o caso do Convento da Penha, Vila Velha, Espírito Santo. **Revista CPC**, 18(36), 119–147. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpc/article/view/208515>. Acesso em: 16 jun. 2026.

VIDALE, D, G. Vie, **Cammini e Surmodernità. Università degli Studi di Padova**. Dipartimento di Scienze Storiche, Geografiche e dell'Antichità, 2023. P 61.

VIANNA, Letícia R. Patrimônio imaterial: legislação e inventários culturais. A experiência do Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular. In: IPHAN. **Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectiva**. Rio de Janeiro: Iphan; CNFCP, 2006. p. 15-25. (Série Encontros e Estudos, n. 5).

WILLEKE, V (org). **Antologia do Convento da Penha**. Vitória: Conselho Estadual de Cultura, 1974.

ZAGOTO, Vinicius. **Os escravizados que ajudaram na construção do Convento da Penha**. A Gazeta, 13 maio 2025. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/capixapedia/os-escravizados-que-ajudaram-na-construcao-do-convento-da-penha-0525>. Acesso em: 20 jun. 2026.